

EDITORIAL

Escrever o tempo

O dossiê desta edição nasceu do *II Simpósio de História e Linguagens: Escrever o tempo*, que ocorreu no Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Ouro Preto, entre os dias 26 e 29 de setembro de 2023, com apoio da Fapemig. Na ocasião, reunimos diversos pesquisadores da área da Literatura e História para pensar o encontro de perspectivas atentas ao histórico e ao fictício.

As múltiplas formas pelas quais Literatura e História se entrelaçam e se complementam convergem na ideia, singular para cada um dos campos de estudo, de uma escrita do tempo. Com ênfases, métodos e objetivos distintos, a narrativa ficcional e a narrativa historiográfica se constituem, todavia, no processo comum de seleção, narração e significação das experiências humanas no tempo. Práticas literárias e historiográficas dialogam e contribuem para a construção de memórias coletivas e individuais e moldam compreensões sobre o passado, o presente e o futuro.

Neste número, reunimos artigos inéditos que abordam essa complexa relação, privilegiando, em conformidade com a natureza e o histórico do periódico, a narrativa ficcional na dinâmica tensa e constante entre o fictício e o real, a literatura e a história, o texto e o contexto, o externo e a forma. Nessa dinâmica, em que o real se apreende e se dá a ver antes por deformação, arbítrio e alternativa fictícia do que por observação e registro, reside o que é o próprio da criação literária.

Os procedimentos, as formas, as paisagens e as cronologias se revelam diversos. O romance histórico, tema de um dos artigos do número, é de tal diversidade um exemplo. Enquanto gênero ele pode abordar os costumes e valores de um povo, existências individuais e acontecimentos históricos, mas deve, sobretudo, promover o encontro entre o plano existencial e o plano histórico; capturar não só a totalidade das experiências humanas, mas também as tensões e os conflitos que subjazem e impulsionam a história.

O entrelaçamento fértil entre a história da ditadura civil-militar brasileira e a literatura que se engaja ficcionalmente com a memória do período se expressa neste número em artigos que privilegiam momentos de produção e formas de representação distintos. A despeito das diferenças, os trabalhos evidenciam como a interação entre História e Literatura promove uma compreensão mais ampla e profunda do período, destacando como as memórias (assim como a ausência destas) continuam a impactar na identidade e na consciência histórica brasileiras.

Outros momentos em que a Literatura e a História brasileiras se encontram se manifestam em textos sobre o percurso de autores e personagens rumo ao engajamento político-social, sobre a história da cidade de Mariana, a primaz de Minas, e também em ensaios sobre a literatura indianista e o filme *Os inconformados* (1972), de Joaquim Pedro de Andrade.

Transgredindo os limites do texto escrito e mobilizando a literatura como fenômeno em transformação, em nosso dossiê se apresenta também contribuição sobre um tipo de produção que mobiliza o leitor para a escuta e outros sentidos, a literatura indígena. O tempo, a repetição e a oralidade mostram como os restos do real compõem a literatura que nos convida a assumir o ponto de vista do outro, em um exercício de alteridade guiado pela narrativa.

No que se refere a outros contextos históricos, o número apresenta textos sobre a representação do feminino em tempos de guerra, a tarefa tradutória voltada à articulação entre história, ficção e verdade em obra sobre a ditadura chilena e sobre um romance que retoma, via uma complexa rede intertextual, a figura histórica de Jesus para compreendê-lo em sua humanidade.

Assim, os textos aqui reunidos exploram como a literatura e a história não apenas coexistem, mas se enriquecem mutuamente ao longo de suas interações. Por meio de múltiplas abordagens, os artigos destacam como a narrativa literária pode oferecer novas perspectivas sobre eventos históricos, muitas vezes revelando dimensões subjetivas e emocionais que escapam às análises factuais da historiografia.

Fora do dossiê, dois grandes escritores brasileiros são discutidos, Clarice Lispector e Murilo Rubião, abordando elementos que tornam a fabulação desses escritores tão singulares.

Por fim, o leitor encontrará neste número duas traduções: “Civilização negra da Diáspora”, da escritora caribenha Maryse Condé, publicado em 1975 e originalmente (conforme explica o texto de apresentação da tradução) a introdução da tese de doutorado defendida pela escritora no ano de 1976; e “Onde Literatura e Memória se encontram: para uma abordagem sistemática dos conceitos de memória usados em estudos literários”, de Astrid Erll e Ansgar Nünning. Ambos os textos fecham afortunadamente nosso número, pois trazem duas contribuições que retomam a História e Literatura na potência da reflexão sobre a memória.

Agradecemos Binário Armada por ceder a imagem de sua obra “O ancestral e a criação dos cantos” (2024), criada a partir da leitura do mito da criação do mundo pela música: passado, presente e futuro, concebidos pela palavra cantada, criando e recriando o que nos cerca. Literatura e História unidas aqui em imagem, palavra, canto, traços de memórias e sensibilidades atentas ao tempo.

Mariana, julho de 2024.

Profa. Dra Mônica Fernanda Rodrigues Gama
Dayane de Oliveira Gonçalves
Editoras do dossiê

Profa. Dra. Carolina Anglada
Profa. Dra. Rómima de Mello Laranjeira
Editoras-gerentes